

Maria de Lourdes Pintasilgo

Eu tenho neste momento uma tentação, que é a de fazer a síntese. Mas como o tempo não dá, tenho que me encarreirar dentro do tema que me foi dado: "a mulher e o desenvolvimento". No entanto, não posso abstrair do que ~~aconteceu~~^{foi referido nas outras intervenções} neste momento, e por isso mesmo queria situar o ~~que~~^{questão é} ~~que~~^é ~~apontou~~^{mais} ~~abordar~~^o na evolução da história da humanidade dos últimos 50 anos. Não vou fazer essa história, mas houve aqui intervenções que nos apontaram para a revolução industrial, ~~primeiro,~~^{mesmo para} pode dizer-se a revolução marxista, ~~para~~^{a tomada de consciência da classe operária}, hoje adquirida como um dado em todas as dimensões da civilização, quer ela se situe no Ocidente quer se situe a Leste; depois, o acordar, pela década de 50, dos povos de cor que levou a esta tomada de consciência que eu nem sequer posso recapitular, ~~de fato varia e desenvolveu-se~~^{nem sequer plagiar} ~~do valor das diferentes raças e culturas~~^{s/consistência} na história dos homens para a construção de uma humanidade em marcha, e Encontramo-nos agora no termo da década de 60 e no princípio da década de 70 naquilo a que já se chamou "a década da promoção da mulher" ou a libertação das mulheres. É claro, ~~num~~ há para si muita literatura ~~bancaria~~, mais ou menos humorística, sobre a questão, mas parece-me que ela corresponde de algum modo àquele descontentamento social que antropologistas notam quando começa a agitar-se qualquer questão relativa às mulheres.

Este segundo desconforto, que não ~~provém só~~^{existencial} da parte das mulheres que intervêm no ~~problem~~^{problema}, mas ~~é~~^é da parte de toda a sociedade, que qualquer problema da mulher é também problema do homem. E os homens vivem há muitos milhares de anos muito satisfeitos e nunca ninguém os incomodou... Daí que ~~isso seja um desconto que muitas vezes~~^o ~~desconforto sempre é~~^{sempre} se aborda o problema da mulher na sociedade.

Valeu a pena ~~abordar~~^{abordar} o tema a questão na perspectiva ~~do~~^{da} tentativa de sintese que senti do princípio, valeu também a pena fazê-la na medida em que essa "libertação das mulheres" se situa não num plano reivindicativo, feminista, como aconteceu no princípio do século, mas se situa na linha que vai do desenvolvimento económico (mesmo concebido em termos globais e a partir dos indicadores quer de ordem económica quer de ordem social) até à ação cultural que aqui foi apontada. É neste contexto que vou situar uma pequenissima intervenção.

E porquê um capítulo especial para isto? ~~O~~ Vou ~~situar~~^{referir-me} a ~~a~~ situação portuguesa, ~~anotando~~ referindo de vez em quando algumas achegas doutros países ou da evolução internacional.

O desenvolvimento supõe e está implícito na afirmação do desejo de justiça aqui feita, supõe a eliminação de grupos socialmente desfavorecidos. Ora é o momento de verificar que as mulhe-

res enquanto conjunto são um deses grupos. Por outro lado, o desenvolvimento supõe a participação de todos, de toda a população, no processo que leva uma sociedade a fazer face à sua própria evolução histórica. A grande maioria das mulheres está à margem dessa

Gostaria de tentar demonstrar a verdade destes dois enunciados, mas o

~~fimpo limitado~~ Falei ~~Principais~~ as mulheres como grupo socialmente desfavorecido & ~~devoção~~ obriga-me a ~~haveria q. apojar estz afirmaçes na qualq. júridica~~ analise (Não vou relembrar o que está aqui neste dossier) leva à verificação de que ~~o~~ ^{indica ser} no plano legal a mulher portuguesa é uma cidadã de estatuto reduzido. Só tem plenos direitos quando substitui o marido (dei a vacuidade do conceito "chefe-de-família") ou tem plenos direitos quando faz parte do círculo de produção em serviço do Estado. Quando é funcionária pública, ou realiza actividades ~~comerciais~~ ^{comerciais} ~~artísticas~~ ^{artísticas} on ^{re}lectrónicas

Esta situação não é uma situação constitucional, por isso a denúncia com todo o à vontade, é uma situação de incoerência interna da lei, e, digamos, dum "curta" aplicação da nossa lei fundamental. Quem é culpado? Somos nós todos e muita gente ao longo do processo histórico. No plano socio-económico, haveria a acentuar sobretudo, no contexto português ^{como} no contexto internacional, a dificuldade de acesso às funções de maior responsabilidade em qualquer sector da iniciativa privada ou pública. (Isto é um problema tão geral que na Assembleia Geral das Nações Unidas que vai começar dentro de poucas horas em Nova York, um dos pontos da agenda é precisamente a reivindicação feita pela Comissão do Estatuto da Mulher relativamente à possibilidades das Nações Unidas empregarem mulheres nos altos postos da organização — ~~na ONU~~ como em qualquer grande organização nacional ou internacional os chefes de departamentos são sempre homens, e há uma abundância de mulheres que servem ^o café ou ~~que~~ escrevem à máquina. --)

O segundo ~~problema~~ aspecto no campo socio-económico parece-me ser ainda o das diferenças salariais, que no nosso país são da ordem dos 40%, e que existem em todos os países do mundo sem excepção. Pode- rão dizer que não existem nos países socialistas. Existem de modo diferente na medida em que certas profissões se tornaram completamente femininas, nomeadamente no domínio do ensino e da saúde. Ao tornarem-se completamente femininas, os critérios usados para pagamento ~~foram~~ ^{e!} totalmente diferentes.

No nosso país essas diferenças têm causas muito variadas, e são tanto mais graves quanto uma mulher qualificada no sector operário ganha menos que um operário não qualificado no mesmo sector de trabalho. Nos salários das mulheres portuguesas são da ordem de 78\$00 por dia. Ora, dado que 1/4 das mulheres que trabalham

~~Mas não seudo n'nteriuão seu particular competência~~
 este longo ~~tempo~~ ~~que~~ Iham são cheias de família de facto, isto significa que elas têm de viver por mês com cerca de 1.000\$00 para fazer face a todas as necessidades familiares. Mas eu não quero cantar o fado choradinho do costume, e quero antes acentuar o seguinte: é que como todas as minorias discriminadas, como todos os grupos socialmente desfavorecidos as mulheres interiorizam ~~a sua~~ a sua situação. Não há aqui ~~o parecer-mos~~ que nós já ultrapassamos na sociedade contemporânea o esquema do opressor e do oprimido, mas que são os opressores e outros que são os oprimidos. ~~Na sociedade contemporânea somos todos pessoas e~~ ~~somos todos opressores~~ Na medida em que nos encontramos todos na situação de colonizados por dentro quer dizer, a nossa aspiração é apenas ao padrão que nos é proposto pela sociedade, neste caso ~~uma~~ sociedade de tipo masculino como é a civilização em que vivemos, tentando mesmo, ao plano inconsciente, uma identificação com esse padrão que nos é dado.

Disse ainda que o desenvolvimento supõe a participação de todos na ~~participação~~ no processo que leva uma sociedade a fazer face à sua própria evolução histórica. Ora no caso português as condições de participação das mulheres no processo de desenvolvimento são extremamente precárias, como o são ~~praticamente~~ praticamente em todos os países do mundo. Na Suécia, que nos aparece como modelo de igualdade entre os sexos, o último relatório governamental sobre a participação da mulher no desenvolvimento diz: Se o nosso país eliminasse as discriminações entre os sexos, o produto nacional bruto, quer dizer, a quantidade de riqueza disponível no país aumentaria de 50%.

Ninguém fez as contas para Portugal. Mas é fácil estabelecer um certo paralelo, pelo menos numa regra de três simples ~~aproximação~~ ~~aproximação~~ ~~feminina~~ !

Este aproveitamento dos recursos humanos que a mulher representa tem dois aspectos.

Um aspecto mais evidente, que seria fácil anotar, que é o nível do circuito económico, da produção de bens. A estrutura da população feminina activa é de tal maneira que nós temos 16% da população feminina exercendo uma actividade, enquanto 84% é economicamente inactiva, embora alguns desses 84% signifiquem a ocupação ou subemprego.

As proporções correspondentes para os homens são de 63%, população economicamente activa, e de 27% economicamente inactiva. Donde: (daqui decorrem várias consequências), a limitada participação da mulher no crescimento da riqueza e, (o que é mais importante) na estruturação da vida social. Os 16% das mulheres que entram neste conjunto que é a totalidade da sociedade não poderão ter senão uma influência mínima na vida social (não só nas iniciativas privadas como no estabelecimento de prioridades ao nível dos grandes planos, como o

Piano de Fomento, etc). Daí decorre ~~que~~ ^{é obviamente} o resultado.

Por outro lado, essa é uma consequência da vida quotidiana; a repartição nítida de tarefas entre os homens e as mulheres.

Os homens realizam determinadas tarefas e as mulheres realizam outras. Isso é natural, desde a vida familiar até à vida profissional parece ser um dogmatismo que até os ~~muitos~~ mais completos democratas liberais não são capazes de vencer.

Ora ainda para além do circuito económico parece-me muito mais importante para um conceito de desenvolvimento e para uma prática de desenvolvimento, a contribuição que transcende os indicadores económicos. E assim a possibilidade ~~que a mulher tem~~ (isso verifica-se por exemplo em países como a Polónia) de exercer um trabalho fora dos sistemas ~~fora~~ um trabalho que tenha rigor e vigor.

~~Parágrafo~~ Por outro lado a não identificação da participação na vida económica e social com a participação apenas na produção dos bens. E isto abre-nos (e parece-me ser ~~um~~ ponto ^{de maior alcance} ~~mais importante~~) a uma perspectiva de intervenção cultural na sociedade. Durante muitos anos falou-se das capacidades da mulher como ser intuitivo, etc (há muito d de mítico em todas essas definições), mas parece-me no entanto que através justamente do abordar doutras raças e doutras culturas, nós nos abrimos a valores diferentes dos valores puramente racionais e puramente tecnológicos. Abrimo-nos a valores que são valores da vida quotidiana, que são valores das palavras muito simples e que nós temos de reaprender a dizer doutra maneira. E ~~permitem-me~~ se as mulheres ~~de alguma maneira~~ têm potencialmente essas condições.

Estará a mulher portuguesa preparada para intervir culturalmente na sociedade? ~~Ora~~ Não me parece. Falta-lhe, primeiro, um mínimo de instrumentos. Entre as mulheres que trabalham, 60% não ~~possuem~~ possuem nenhum grau de ensino, e parece que 50,5% dos homens (aliás a situação ~~alemão~~ não é muito mais brilhante), 1,1% com curso superior. ^{femina} Parece-me ainda que o facto de nos encontrarmos neste "isolado" pequeno retângulo europeu ^{e popular feminina} ~~nunca~~ ^{influencia} na sociedade e se caracteriza por certas atitudes 'comadrescas' na nossa interacção na sociedade. Por outro lado, um receio atávico de denunciar aquilo que está errado e de impor aquilo que pode de algum modo aparecer como caminho novo, ainda que esse caminho se ~~experiências~~ exprima por formas diferentes daquelas que estão completamente catalogadas.

A situação portuguesa aparece-nos assim com uma extrema diversificação (~~que aqui para um problema de saúde~~) com uma falta de indicadores sociais para uma análise crítica séria deste grupo da população, ~~que estou~~ apenas a referir aspectos episódicos e com a consciência

de que nem estou sequer a fazer uma análise, mas a dar apenas uma frase que é superficial, porque não existe ao nível da sociologia um conjunto de indicadores sociais que permita fazer uma análise séria desse grupo da população e de outros.

Mas por outro lado podemos ainda dizer que a estrutura da vida portuguesa leva à ausência - e isto é crucial para o desenvolvimento - à ausência de um projecto global da sociedade. Porquê? Em grande parte pelo pulular das opiniões que "nunca fizeram uma verdade", que nunca tiveram um dinamismo; pela supremacia do elemento masculino, acentuado pelas mulheres que têm real influência na vida social. (Aliás é isto um fenómeno que se encontra em todas as latitudes, e que é justamente por essa contribuição da mulher ser muito recente - as mulheres que têm, de algum modo, a capacidade ou condições ou tiveram oportunidades melhores, acabam por ser elas as primeiras a esmagar outras mulheres com possibilidade de acesso. Daí que falem sempre em nome de uma minoria, de uma certa élite, esquecendo -se da solidariedade fundamental que têm com esse grupo, ao qual estão ontologicamente ligadas pela sua maneira de estar no mundo, e que são todas as mulheres.) Por outro lado, encontramo-nos ainda a tendência para o mimetismo de outras situações. É claro que há aqui nessa situação portuguesa aspectos de ordem estrutural e aspectos de ordem conjuntural. De ordem estrutural por alguns elementos que já indiquei, em relação aos salários, à concentração nas categorias de mais baixa qualificação, à escassez de presença de uma mão de obra feminina nos escalões não só tecnológicos mais evoluídos mas culturalmente com mais impacto, e portanto uma certa situação de desfavor e de pouco estímulo para que as mulheres abandonem a situação em que se encontram de subempregadas na vida familiar ou em pequenas actividades, contribuindo assim para gerar e para acentuar o ciclo do consumo que a Teresa Santa-Clara há pouco denunciava. Quer dizer, a mulher não empregada, a mulher que não participa activamente na vida económica e social, tende a ser o escoadourp natural da sociedade de consumo. Daí, que ela constitua um travão neste sistema para um novo modelo de sociedade.

A situação conjuntural parece-me neste momento - apontarei apenas isto - a situação de guerra em que nos encontramos, a situação da emigração levou a encarar a mulher como mão de obra de reserva a que se apela através de injusticas flagrantes. Há uma contradição nas forças em presença nessa utilização da mulher mão de obra feminina; por um lado o facto de querer, por um lado, utilizar essa mão de obra e, por outro, querer perpetuar a imagem da dona de casa como a tal estimuladora da sociedade de consumo. Não podemos esque-

Fundação Cuidar o Futuro

cer nesta situação aquilo que me parece ser essencial, e é que se trata de uma "sociedade-em-trânsito", quer dizer, de uma sociedade à espera de um projecto global de desenvolvimento, de uma linha fundamental de libertação, em que as mulheres no seu conjunto poderão constituir um novo elemento de conscientização. Esta situação portuguesa tem os seus ecos ao plano internacional. Aliás as Nações Unidas neste domínio encontram-se a par com dois grandes projectos. Um é o programa unificado das Nações Unidas de assistência aos países que exigem um certo desenvolvimento da participação da mulher; outro é um estímulo da participação da mulher na vida económica e social.

Há certas etapas já vencidas noutras latitudes que possivelmente nós ainda temos de percorrer. Certos fenómenos que a nossa imprensa reproduz com frequência (e que a Vida Mundial ~~até agora~~ refere) dá larga expansão aos movimentos de libertação dos países europeus ou dos Estados Unidos), ~~sem de ser visto no seu contexto formar de liberdade~~. Não quero deixar decentuar que são movimentos que apontam para alguns aspectos muito importantes nesta tomada de consciência da mulher como nova força na vida social, mas são movimentos da burguesia branca dos Estados Unidos, portanto envolvidos também de certos vícios típicos dessa burguesia branca em condições que só quem conhece os Estados Unidos pode avaliar exactamente.

Fundação Cuidar o Futuro

A esta situação internacional ~~deve~~ o desejo de que a mulher deixe de ser não só a mulher-objecto (objecto de estudo, objecto de leis de protecção), mas que passe a ser sujeito da sua própria definição, das decisões que lhe dizem respeito e das decisões ~~que~~ que dizem respeito à sociedade no seu conjunto. Pode dizer-se que neste capítulo, já que as mulheres constituem metade da humanidade, há uma verdadeira revolução cultural a operar.

Desejava ~~deixar~~ ainda a interrogação: qual é a repercussão desta situação na problemática da missão da Igreja?

Esta problemática (que eu mal enunciei) significa um condicionalismo para o exercício da missão da Igreja na medida em que a sociedade oferece à Igreja participantes cuja dignidade de pessoas humanas está afetada basicamente, e cujo treino de contribuição activa é mínimo.

Ora é neste contexto que se justifica até o exagero do problema, (não ventilado no nosso país mas muito ventilado noutras países da Europa para lá dos Pireneus) do acesso da mulher às funções institucionais dentro da Igreja. Problema que me parece absolutamente secundário na vida da Igreja na medida em que o ministério sacerdotal é um carisma de unidade dentro da comunida-

de, e não é de modo nenhum exclusivismo do poder. E portanto não me parece que seja de modo algum o problema-chave.

Ora esta situação de inferioridade de seres humanos afetados na sua dignidade e cujo treino de contribuição activa é mínimo, constitui, a meu ver, um desafio para a capacidade da Igreja se estruturar sobre pedras vivas. Em primeiro lugar, sendo um campo de experimentação das capacidades das mulheres para o serviço dos irmãos. Eu diria, mais do que campo de experimentação, um campo de realização. Posso dizer que em Portugal a maioria das mulheres que têm uma certa função activa na vida social, foram educadas e foi-lhes dada inteira liberdade dentro da Igreja. Foi aí que adquiriram o treino que as levou a outras posições. Mesmo que muitas vezes nesse contexto da Igreja tenham tido de assistir a muito titubear ainda embrionário. ~~Em segundo lugar,~~ Portanto desafio à capacidade da Igreja de se estruturar sobre pedras vivas, ~~obrigando~~

~~alargando~~ — como sugere a investigação bíblica e a vida da Igreja primitiva — o próprio conceito de ministério. Daí, a necessidade de uma educação das mulheres e dos homens que veja nas mulheres ~~nenhuma~~ elemento não apenas um complemento (e refiro-me ~~aqui~~ à espiritualidade familiar, como se duas metades se unissem para formar uma só unidade ~~ou~~ ~~até~~ ~~ao~~ ~~complemento do~~ ~~ou~~ ~~ao~~ ~~complemento~~ ~~de~~ ~~maiorias~~ ~~do~~ ~~homem~~ ~~e~~ ~~pessoas~~ ~~humana~~ ~~total~~ ! ~~uma~~ ~~liberdade~~ ~~de~~ ~~intervenção~~ ~~no~~ ~~reino~~ ~~de~~ ~~Deus~~ ~~na~~ ~~terra~~ ~~de~~ ~~Israel~~) conceito de maiorias do homem e da mulher nem é complemento, nem é aumiliar: é responsável a parte inteira ~~por~~ toda a vida social e de toda a vida eclesial.

É urgente por isso que a Igreja não seja de certa maneira, (e parece-me haver um certo perigo neste momento, mais do que existia há 15 ou 20 anos) o monopólio dos padres enquanto grandes "laders" de grupos. Parece-me que há uma importância que reveste grande significado, não só para as mulheres, mas para todo o trabalho de leigos. Uma vez posta em questão o significado da missão dos padres, é muito fácil que essa missão seja equacionada em termos de coordenador de grupos, de laders, etc. Ora para isso estamos cá todos! para realizar essa função.

Liberdade por um lado de as mulheres participarem de forma responsável na vida da Igreja, como estão participando. E como estão participando justamente assumindo os riscos próprios dessa participação. No modo de ser próprio, não realizando o mimetismo do que o homem faz ou do que o homem deseja, não sendo uma mão de obra de reserva (até para aqueles que querem resolver os seus problemas vocacionais), mas serem um contributo próprio e específico no anúncio do Reino. E parece-me que só na medida em que as mulheres forem capazes de se situar com uma verdade, com essa tal possi-

bilidade que eu não sei exactamente o que é, mas que pressinto ou sinto ou experimento, forem capazes de sé situarem como ~~outros~~ seres livres, não cativas e não oprimidas, entre elas poderão, em igualdade com os homens, igualdade diferente, poderão de facto anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo que veio dar a liberdade aos cativos e ~~às~~ aos oprimidos.

Intervenção de D. Eurico

II Parte

1ª Pergunta a Alçada Baptista

(a situação da mulher)

2ª pergunta a Alçada Baptista

(os operários e os teólogos)

Pergunta a Pedro da Cunha

Fundação Cuidar o Futuro